

BETAR & ARTES LETRAS

Beyoncé

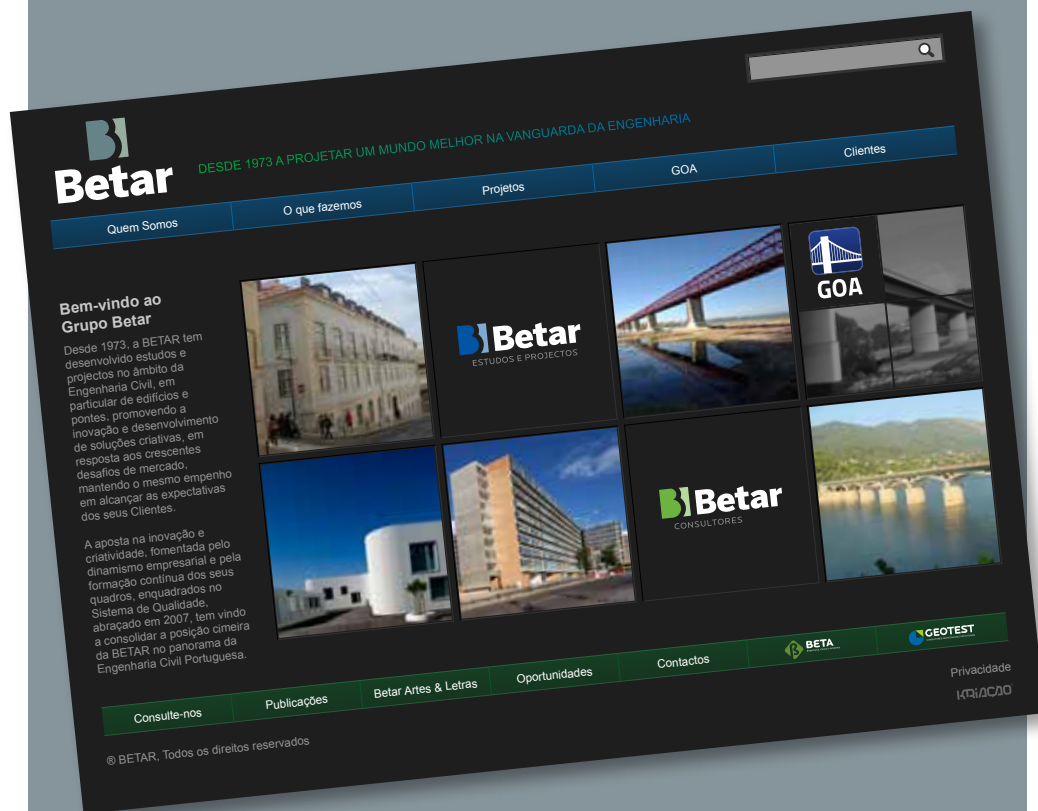
Uma das mais poderosas mulheres da Pop regressa a Lisboa com o espetáculo que foi considerado o melhor "Live Act". Dias 26 e 27

B
Betar

Uma revista cultural, para quem não perde o que interessa ver e ouvir.

ENTREVISTA
AROS.
LUÍS TORRAL
E JOÃO ALMEIDA

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elías Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



No momento do fecho desta edição, os vencedores dos Óscares ainda não eram conhecidos, mas não podíamos deixar de fazer referência ao maior evento mundial de cinema. Destacamos assim os filmes que obtiveram mais nomeações este ano e que, independentemente do que tiver sido vencedor, valem a pena ver.

Na música, Ana Moura, António Zambujo, Capitão Fausto, Beyoncé e Martial Solal são bons exemplos de artistas de sucesso, cada um no seu género. Têm por isso destaque neste número da Artes&Letras.

Ao nível do teatro, pereceram-nos relevantes as peças “Mistero Buffo”, em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite; “A instalação do medo”, no São Luiz; “Dr. Jekyll and Mr. Hyde”, a nova produção do Chapitô; e “Quem Quer Ser Irrevogável? Portugal um Reality Show” no palco da Comuna.

Este mês, em Lisboa, estão em diálogo obras de Michelangelo Pistoletto e um filme de Marco Martins, numa interessante instalação no BES Arte&Finança; e pinturas e gravuras de Gil Teixeira Lopes, patentes no Museu da Cidade. Já lá fora, os destaques vão para Braque, Kafka, Klee, Munch e Van Gogh, cujas obras estão expostas nos museus Rainha Sofia e Orsay; e para uma mostra original sobre a vida do famoso detetive Sherlock Holmes.

Por fim, evidencio ainda a simpática entrevista que nos foi concedida por Luís Torgal e João Almeida, da 92 Arquitectos, a quem não posso deixar de agradecer pessoalmente as amáveis palavras. No entanto, não me iludo: uma tela é de quem a pinta, e não de quem faz a tinta. E se são belas as “telas” do Luís e do João, eu fico feliz por não ter borrado a pintura.

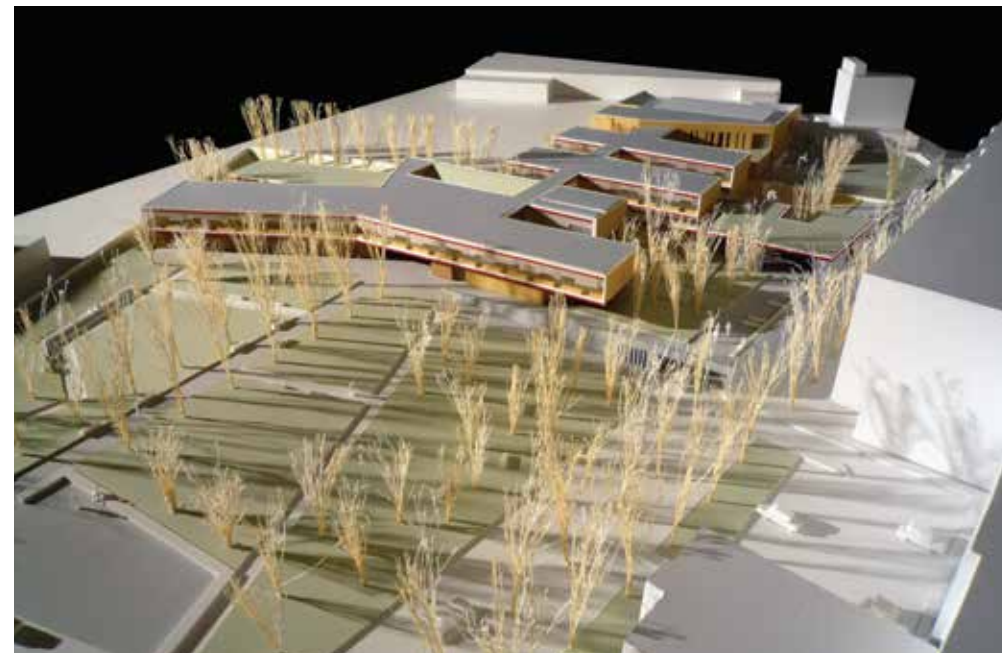
MIGUEL VILLAR

‘Sabemos trabalhar num compromisso que engloba várias vontades. E fazemo-lo com todo o empenho e grande proximidade aos clientes, que normalmente se tornam amigos.’

A metodologia dos arquitetos **Luís Torgal e João Almeida**.
Por Cátia Teixeira



Casa na Mata do Duque



Escola EB1 com Creche + Biblioteca, Estacionamento e Jardim público em Linda-a-Velha, Oeiras

Como foi o vosso percurso e que características de um e do outro mais contribuíram para o sucesso da parceria?

LT: Fizemos o secundário e a faculdade juntos e iniciámos a nossa vida profissional também juntos, no atelier dos arqs Manuel Graça Dias e Egas Vieira. Paralelamente, Em 1992 fundámos o nosso atelier, num sótão na Almirante Reis nº92. Foi desta coincidência que surgiu o nome – 92 Arquitectos. Desde então temos mantido atividade em simultâneo com outros ateliers. Neste momento colaboramos ambos no Risco. Em relação às características, penso que um compensa o outro. Eu sou mais stressado e o João aparenta ser mais calmo. Eu preocupado com a produção e entrega do trabalho, ele preocupado com a perfeição do mesmo.

JA: As deficiências de um são colmatadas pelas mais-valias do outro.

Os projetos são feitos em conjunto. Têm alguma metodologia?

LT: Não temos. Cada projeto é uma história

particular. Começamos sempre os dois e acabamos sempre os dois. Não existem projetos individuais.

JA: A proximidade que cada um tem com o cliente dita quem acaba por se envolver um pouco mais no trabalho e acaba por fazer a coordenação do mesmo. É algo natural.

LT: A grande mais-valia de trabalharmos juntos é intelectual. Em conjunto é fácil abrir portas para caminhos diferentes (normalmente melhores). Se estivermos sozinhos é muito mais fácil enveredarmos por um caminho e nunca mais sairmos dali.

JA: Mas também já aconteceu seguirmos caminhos diferentes, como no concurso para um pavilhão polidesportivo em Abrantes. Estávamos a ir por caminhos completamente diferentes e cada um acreditava verdadeiramente na sua versão. Como tínhamos tempo, optámos por entregar duas soluções e acabaram por ser as duas premiadas.

O que é que mais caracteriza e distingue o vosso atelier?

LT: O que talvez nos distingue é o facto de sermos uma equipa sem compromissos financeiros. É um privilégio poder afirmar que trabalhamos por gosto, concorremos ao que queremos e aceitamos os trabalhos que queremos. E fazemo-lo com todo o empenho e grande proximidade aos clientes, (que normalmente se tornam amigos). O nosso telefone está sempre disponível, os prazos são escrupulosamente cumpridos e os orçamentos também, com um controlo intenso ao longo de todo o processo.

JA: Devo dizer que somos “pouco arquitetos” ou seja, não temos o culto da peça feita, não temos uma reportagem fotográfica das nossas obras de forma exaustiva, isso não está na génese da nossa produção. Muitas vezes o resultado final é diferente do que foi inicialmente pensado porque apareceram novas necessidades do cliente a meio, e nós gerimos isso muito bem, não achamos que por isso a obra vai ficar estragada, arranjam alternativas. Penso que sabemos trabalhar muito bem num compromisso que engloba várias vontades.



LT: O que nos distingue dos outros é, se ca-lhar, esta honestidade com que trabalhamos.

Como é que conseguem gerir o tempo entre dois ateliers e diferenciar as coisas?

LT: Pode parecer confuso mas esta dinâmica acompanha-nos desde sempre. Tínhamos faculdade de manhã e à tarde participávamos com grande entusiasmo no atelier do Manuel e do Egas (foi um contributo importantíssimo na nossa formação profissional e humana. Costumo dizer que foi lá que me formei realmente). Este método de trabalho foi-se en-raizando, naturalmente, depois de terminada a faculdade. Entretanto o João foi colaborar com o Risco, na altura da EXPO'98 e, mais tar-de, quis o destino que eu também integrasse a equipa e tudo se manteve até hoje.

JA: Mas hoje em dia esta rotina já não é tão linear e as novas tecnologias vieram ajudar muito. Partilhamos facilmente informação a qualquer hora, pelo que não temos que estar juntos para trabalharmos juntos. Fisicamente estamos bastante mais tempo juntos no Risco do que no nosso atelier.

LT: Mas este modo de trabalhar, onde num sítio temos um determinado tipo de clientes e problemas e noutra sítio temos outros, é muito “refrescante”, conseguimos fazer “re-sets” entre umas coisas e outras e isso é bom intelectualmente e julgo ser muito produtivo. JA: As metodologias não são muito diferentes. Os tipos de cliente e de trabalho são outros mas isso é ótimo porque temos oportunidade de desenvolver trabalhos de maior dimensão e complexidade. No entanto, não é diferente pensar arquitetura no Risco ou aqui.

Como vêem a arquitetura hoje?

LT: Não está bem mas eu não me queixo nem baixo os braços. Não é a arquitetura que está

má, é a construção e tudo o que lhe está ligado por causa da economia. Depois, a atividade acabou por se diversificar em muitos outros ramos.

JA: Eu acho que nunca a percentagem de construção foi tão arquitetura como é agora. E isso é bom. Acho que cada vez mais as pessoas sentem necessidade de contratar um arquiteto para fazer uma construção. Há muitas atividade económicas que procuram a arquitetura hoje. O setor da saúde procura-a para a construção dos hospitais, as fábricas já não são feitas por construtores. A imobiliária também ajudou. Fez com que muitos arquitetos, que não pertenciam à elite da arquitetura, tivessem trabalho. Acho que nunca estive tão bem. É claro que existe o outro lado, que é a redução brutal do valor dos honorários, ainda por cima, com prazos de execução irreais.

Como surgiu a ligação à BETAR e como tem sido trabalhar com a empresa?

LT: Eu conheci o Miguel num concurso para um edifício na EXPO'98, ainda trabalhava com o Manuel e com o Egas. Na altura, foi de tal modo gratificante que ficou logo como engenheiro oficial da casa. A partir daí, para qualquer coisa que fizéssemos aqui chamávamos o Miguel. É um prazer trabalhar com ele, tem um sentido de humor apuradíssimo e entende melhor os arquitetos que alguns arquitetos. Tem um péssimo defeito que é nunca nos dizer “não”. Para ele tudo é possível. Habitua-nos mal.

JA: Muitas vezes a participação do Miguel no projeto vai muito além da “estrutura”, os seus comentários e “inputs” diversos são sempre relevantes para desenvolvimento da “arquitetura”. Acho que os nossos projetos seriam diferentes se fossem feitos com outros engenheiros.

Em mês de Óscares, destacamos os filmes que obtiveram mais nomeações este ano e fazemos uma retrospectiva sobre a carreira de Philip Seymour Hoffman, vencedor em 2005



Os filmes de Philip Seymour Hoffman

A carreira de Philip Seymour Hoffman “obrigou” a várias homenagens. A Artes&Letras recorda também alguns dos filmes em que participou, para que possa ver ou rever. Em 1997 surgiu em “Boogie Nights” e “Jogos de Prazer”. No ano seguinte, destacou-se em “Magnolia”, “O Grande Lebowski” e “Felicidade”. Em 1999, participou n’ “O Talento Sr. Ripley”, “O Destino de um Ex-Combatente” e, em 2000, em “Quase Famosos” e “State and Main”. “A Última Hora”, “Embriagado de Amor” e “Dragão Vermelho” foram os seus filmes em 2002. Depois disso entrou em “Antes Que o Diabo Saiba que Morreste” (2007), “Dúvida” (2008) e “O mentor” (2012). “Capote” valeu-lhe o Óscar para Melhor Ator em 2005. Os seus mais recentes filmes foram “God’s Pocket” e “A Most Wanted Man”, e estava ainda a gravar “Jogos da Fome”.

Os nomeados para os Óscares

No momento do fecho desta edição, os vencedores dos Óscares ainda não eram conhecidos. Destacamos aqui os candidatos, porque vale a pena ver cada um destes filmes. Em edições anteriores falámos de “Golpada Americana”, “O Lobo de Wall Street” e “12 Anos Escravo”. Agora, há que falar de “Gravidade”, onde os protagonistas tentam sobreviver à deriva no espaço; “Capitão Phillips”, que narra a captura de um barco americano por piratas da Somália; “O Clube de Dallas” sobre a ostracização de quem tinha SIDA nos primeiros tempos da epidemia; “Ela” que explora a relação entre o homem e a tecnologia; “Nebraska” que descreve a viagem de um homem que pensa ter ganho uma fortuna; e “Philomena” que aborda os crimes cometidos em conventos irlandeses, onde retiravam os filhos às mães solteiras.



Ana Moura, António Zambujo e Capitão Fausto são os artistas nacionais em destaque. De fora chegam também duas personalidades inconfundíveis: Beyoncé e Martial Solal



Ana Moura e António Zambujo

Dia 19 de Março no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Depois do avassalador sucesso da apresentação em Outubro no CCB, que esgotou com meses de antecedência, Ana Moura e António Zambujo vêm-se agradavelmente forçados a voltar a juntar-se em palco. Os apelos insistentes dos fãs de ambos para que o concerto fosse repostado surtiram efeito, sendo esta a oportunidade única para ver juntos e ao vivo os dois artistas nacionais de maior sucesso do último ano.



Capitão Fausto

Dia 20 de Março no CCB

CONCERTO

Há muito tempo que não havia nada tão refrescante no panorama musical português. Os “Capitão Fausto” já tocaram pelo país inteiro, tendo passado por festivais como o Super Bock Super Rock, Vodafone Mexefest, EDP Paredes de Coura e Optimus Alive. Neste espetáculo, cheio de luz e cor, apresentam um disco estrondoso, que demonstra uma maturidade pouco comum para quem tem ainda tanto tempo para dar à música.



Beyoncé

Dias 26 e 27 de Março no Meo Arena

CONCERTO

Beyoncé está entre as mais poderosas mulheres da indústria do entretenimento. A cantora, atriz, compositora, dançarina e produtora regressa a Lisboa com o espetáculo que foi considerado o melhor “Live Act” nos últimos MTV European Music Awards e que faz parte da digressão “The Mrs. Carter Show”. A tournée mundial da cantora passa por Portugal, Reino Unido, Espanha, Irlanda, Holanda, Bélgica e Alemanha.



Martial Solal

Dia 28 de Março na Culturgest

CONCERTO

Em 1999 Martial Solal recebeu o Prémio Jazzpar, considerado o “Nobel do Jazz”. Porque é, sem contestação, um dos maiores pianistas e compositores de jazz vivos, uma das grandes figuras do jazz do século XX e do presente, um dos pais do “piano jazz”. Martial Solal tem hoje 86 anos e resolveu retirar-se dos palcos. A Culturgest não podia deixar de fazer parte da sua última digressão. Um concerto histórico.



Concertos em março

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt

3/3 às 21 horas (Grande Auditório)

Inicia-se a integral da música para piano de Rachmaninov pelo pianista Artur Pizarro.

6/3 às 21 horas e 7/3 às 19 horas (Grande Auditório)

Coro e Orquestra Gulbenkian, o maestro Paul McCreesh a soprano Susan Gritton e o tenor Ben Johnson interpretam duas peças de J.S.Bach, uma primeira audição da portuguesa Ana Seara (n. 1985) e, como prato forte, a Sinfonia nº 2 Coral (Canto de Louvores de Mendelssohn 1809/1847).

8/3 às 16/3 às 16 horas e às 19 horas (Grande Auditório)

O quarteto Diotima e Ana Paula Russo (s.) num programa misto de obras históricas e contemporâneas: Beethoven, Pierre Boulez (n. 1925) e Arnold Schoenberg (1874/1925).

10/3 às 21 horas (Grande Auditório)

O Remix Ensemble da Casa da Música (Dir. Peter Rundel). No programa uma obra de Hans Zender (n. 1936): 33 Variações sobre a 33 Variações Diabelli de Beethoven.

13/3 às 21 horas e 14/3 às 19 horas

Programa análogo aos dos dias 6 e 7 desta vez com obras de Schubert e Brahms e a Sinfonia nº 5 (Reforma), de Mendelssohn.

15/3 às 17 horas (Grande Auditório)

Transmissão do MET de Nova York da ópera “Werther”, de Jules Massenet, com os extraordinários cantores Jonas Kaufmann e Elina Garranca.

16/3 às 19 horas (Grande Auditório)

Mais uma vez o pianista Grigory Solokov. Tem muitíssimos admiradores, nos quais me incluo. O programa é ainda desconhecido.

20/3 e 21/3 às 19 horas (Grande Auditório)

Solistas de qualidade, a Orquestra Gulbenkian

e o maestro Paul McCreesh interpretam “Salomão” uma das mais importantes oratórias de Haendel que é sempre imperdível.

22/3 às 19 horas (Grande Auditório)

As pianistas Katia e Marielle Labèque e três percussionistas interpretam a “Sagração da Primavera” de Stravinsky e “West Side Story” de Bernstein em versões para dois pianos e percussão. O público tem sempre grande empatia com os concertos das irmãs Labèque, daí o seu sucesso.

CENTRO CULTURAL DE BELEM

www.ccb.pt

7/3 às 21 horas (Grande Auditório)

Concerto do músico e compositor Egberto Gismonti, inclassificável pela versatilidade no Folk, no Jazz e até na Música Clássica.

9/3 às 17 horas (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana e o seu maestro titular Pedro Amaral interpretam as “Metamorfoses” de Ricardo Strauss e “Ruf” (Apolo) uma das principais composições do português Emanuel Nunes (1941/2012), Prémio Pessoa em 2000.

25/3 às 21 horas (Grande Auditório)

A ópera “Tito Manlio” de Vivaldi pelo Ensemble “Concerto de Cavalieri”, direção de Marcello di Lisa e solistas de grande qualidade como Vivica Genaux ou Ann Hallenberg.

TEATRO DE S.CARLOS

www.saocarlos.pt

7/3 às 20 horas e 9/3 às 16 horas

Desconhecemos a ópera “El Gato Montês” (1917) de Manuel Penella (Espanha 1880-México 1939) e os seus intérpretes não estão ainda anunciados. Diremos, tão-somente, que Penella foi sempre mais um compositor de zarzuelas que de óperas.

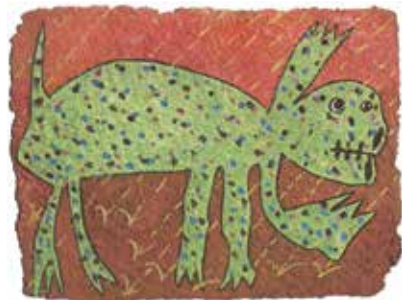
Textos de Dario Fo e Rui Zink deram o mote para duas das peças que aqui sugerimos. As novas produções do Chapitô e da Comuna merecem também o nosso destaque



Mistero Buffo

Quando, em 1997, Dario Fo foi distinguido com o Prémio Nobel da Literatura, a Academia sueca elogiava a forma como o dramaturgo italiano “emulava os bobos da Idade Média, castigando a autoridade e defendendo a dignidade dos oprimidos”. Combinando riso e gravidade, o Dario Fo escrevia sobre os abusos e as injustiças da sociedade de então. “Mistero Buffo”, o mais célebre monólogo do autor, escrito em 1969, parte justamente dessa tradição popular medieval, transportando-nos para o reino da farsa provocadora e para o animado universo da Commedia dell’Arte. Do conjunto de episódios que compõem esta obra, Mario Pirovano interpreta alguns dos mais brilhantes, como “A fome de Zanni”, “A ressurreição de Lázaro”, “O primeiro milagre do menino Jesus”, “Bonifácio VIII” ou “As bodas de Canaã”. No material histórico e religioso, descobrem-se também alusões ao nosso tempo.

Teatro Municipal Joaquim Benite
De 14 a 16 de Março
Encenação: Mario Pirovano
Interpretação: Mario Pirovano



A instalação do medo

Ouve-se o elevador a subir e a campainha que soa na casa de uma mulher que vive sozinha com uma criança. Quando alguém nos bate à porta, abrimos ou não. A mulher abre a porta porque tem medo. Entram dois homens: o controlador, o chefe, eventualmente sedutor, e um operário, um falso bruto. Trazem uma missão importante: cumprir a directiva governamental que impõe a instalação do medo em todos os lares num curto prazo de tempo estipulado pela lei. Aqui começa o teatro, segundo o recente romance de Rui Zink, adaptado por Jorge Listopad, que também encena. Pequenas e grandes discussões, filosofia e drama, tudo perto de tudo, e a instalação do medo está quase concluída. A tensão cresce e as três personagens movem-se entre o dramático, o trágico, o cómico, até o burlesco, e já ninguém sabe como tudo isto vai acabar. A única moral: não se deve abrir a porta a quem e ao que não foi convidado.

São Luiz Teatro Municipal
De 13 a 22 de Março
Encenação: Jorge Listopad
Interpretação: Diogo Dória, José Artur Pestana e Joaquina Chicau



Dr. Jekyll and Mr. Hyde

A 33ª criação da Companhia do Chapitô, “Dr. Jekyll and Mr. Hyde” apresenta-nos um cientista interessado nos impulsos que levam os seres humanos a cometerem o bem e o mal. Esta é uma adaptação livre da obra literária de Robert Louis Stevenson, sobre a fantasia sombria e psicológica, que é conhecida pela sua representação do fenómeno de múltiplas personalidades. O impacto do romance foi tal que se tornou parte do jargão inglês, com a expressão “Jekyll e Hyde” usada para indicar uma pessoa que age de forma moralmente diferente dependendo da situação. “Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde” foi um sucesso imediato e uma das obras mais vendidas de Stevenson. Adaptações teatrais começaram a ser encenadas em Londres um ano após seu lançamento, e a partir de então o livro inspirou a realização de diversos filmes e peças. A versão da Companhia do Chapitô não deixará ninguém indiferente.

Chapitô
Até 23 de Março
Encenação: John Mowatt
Interpretação: Jorge Cruz e Tiago Viegas



Quem Quer Ser Irrevogável? Portugal um Reality Show

“Quem Quer Ser Irrevogável? Portugal um Reality Show” é um espetáculo de humor, onde a sátira e a brincadeira predominam, com a qualidade que a Comuna tem habituado o seu público. “Portugal, país da República, da resistência, da raticice... do riso. Portugal, bem cantado, bem mal cantado, quase sempre mal cantado, mas nosso. Único, Nacional, da saudade exportada, do prestígio importado, da fatalidade de termos nascido no patamar de entrada na europa, permanentemente a escorregarmos para o mar... sem saber nadar!” É assim que se apresenta a nova produção da Comuna Teatro de Pesquisa.

Comuna Teatro Pesquisa
A partir de 6 Março
Encenação: Carlos Paulo
Interpretação: Álvaro Correia, Carlos Paulo, Frederico Barata, Hugo Franco, Maria Ana Filipe, Marta Helena Jorge, Mia Farr e os estagiários: Bruno Pascoa, Gonçalo Várzea, Inês Godinho, Jaqueline Silva, Mara Boleta, Marta Nunes e Nireida Veiga

LIVROS

17 contos de Thomas Mann foram recentemente reunidos num livro que vale a pena ler. Rute Silva Correia tem também um novo e intrigante romance urbano



Thomas Mann *Contos*

Além de se ter destacado como um dos principais romancistas do século passado, o alemão Thomas Mann expandiu a sua obra de ficção aos contos. O livro recentemente publicado pela Bertrand dá a conhecer uma coleção de histórias reunidas em 1960, poucos anos depois da morte do escritor. São 17 contos, tidos como os melhores por ele escritos, alguns com pormenores que lembram alguns dos seus principais romances, como “A Montanha Mágica”, “Doutor Fausto” ou “A Morte em Veneza”. Nota-se aqui todo o lirismo de Mann, mas também todas a preocupação com a política, a sociedade e a ética do seu tempo. Apesar de ter nascido na Alemanha, foi viver para a Suíça quando Hitler subiu ao poder, radicando-se mais tarde nos Estados Unidos, onde morreu em 1955.

Rute Silva Correia *O Ano em Que Não Ia Haver Verão*

Rute Silva Correia está de regresso aos romances. Depois de ter publicado “Maria Eugénia – A Menina da Rádio” em 2011, apresenta agora uma história bem diferente. Passa-se nos dias de hoje, em Lisboa, contando as desventuras de um trio amoroso que esconde um segredo. Este romance urbano envolve um obscuro clube secreto na Praça de Londres, encontros e desencontros de um grupo do qual se destacam duas personagens, amantes conhecidos por toda a cidade: Gizela Espinosa, herdeira rica, com grande poder de sedução; e Santiago, um artista interesseiro e dominador. Só que o destino de uma mulher pode ser mudado por causa de uma paixão, isto além de um terrível segredo de família cuja revelação apenas pode ser evitada por uma outra protagonista, Rosalina.

ARTES

Este mês, obras de Michelangelo Pistoletto e um filme de Marco Martins, numa instalação entre cinema e artes plásticas; e pinturas e gravuras de Gil Teixeira Lopes

MUSEU DA CIDADE

Sopros de vida

Até 6 de Abril

Nesta exposição são apresentadas cerca de quarenta obras de Gil Teixeira Lopes, incluindo telas de grandes dimensões e esculturas. O artista português desenvolveu uma multifacetada e intensa atividade artística, tendo realizado inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro. A sua pintura reflete, como escreve António Costa Leal no texto do catálogo, “uma multiplicidade de métodos, de pesquisas, de inquietudes e de júbilos”, recuperando e reabilitando “no trabalho de criação e no estudo especulativo, os grandes paradigmas renascentistas.” Gil Teixeira Lopes notabilizou-se pelo seu trabalho não só na pintura mas também na gravura. “Sopros de Vida” é uma exposição organizada pela Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com as Juntas de Freguesia de Campo de Ourique e de Belém.



BES ARTE & FINANÇA

Amar as diferenças

Até 15 de Abril

Esta exposição junta o artista italiano Michelangelo Pistoletto e o realizador português Marco Martins. O projeto, com curadoria do Centro de Criação de Teatro e Artes de Rua, é fruto de uma parceria entre o cineasta e o pintor, em que a particularidade é a multidisciplinaridade, sendo aqui apresentado pela primeira vez como instalação entre o cinema e as artes plásticas. Em diálogo estarão obras de Michelangelo Pistoletto apresentadas em importantes museus internacionais e o filme criado por Marco Martins que já esteve em exibição no Museu do Louvre, no DOC Lisboa e no Festival Internacional de Cinema de Roma, a que se juntará ainda a mais importante feira de arte contemporânea de Itália, Arte Fiera, em Bolonha. A mostra conta também com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Braque, Kafka, Klee, Munch e Van Gogh são alguns dos artistas em destaque nos museus Rainha Sofia e Orsay. Em Londres é recriada a vida de Sherlock Holmes, numa mostra original



Museu Rainha Sofia, Madrid

Formas biográficas. Construção e mitología individual

Até 31 de Março

A reflexão sobre a dicotomia entre a prática criativa e vida pessoal dos artistas dá o mote a esta exposição. A partir do texto “As vidas dos mais excelentes arquitetos, pintores e escultores”, escrito por Giorgio Vasari, encontrar itens que relacionam a vida do criador com a sua obra tem sido um dos modos de narrar história da arte. Na mostra encontram-se obras de: Georges Braque, André Breton, Max Ernst, Alberto Giacometti, Franz Kafka, Paul Klee, Alfred Kubin e Edvard Munch.

Museu d'Orsay, Paris

Vincent van Gogh /Antonin Artaud: O suicida da sociedade

De 11 de Março a 7 de Julho

Dias antes da abertura de uma retrospectiva de Van Gogh em Paris, em 1947, foi sugerido a Antonin Artaud que escrevesse um texto sobre o pintor. Seguindo a contracorrente da tese da alienação, Artaud fez questão de demonstrar como a lucidez superior de Van Gogh incomodava as consciências da época e como a sua sociedade o conduziu ao suicídio. Esta exposição desenrola-se através de trinta pinturas, e uma seleção de desenhos e cartas de Van Gogh e outras tantas obras gráficas.



Museu de Londres

Sherlock Holmes

Até 12 de Abril

Está patente em Londres uma exposição emocionante sobre Sherlock Holmes. A mostra pretende explorar como o mais famoso detetive ficcional do mundo transcendeu a literatura, passando para os palcos, televisão e telas de cinema. Filmes, fotografias, pinturas e artefactos originais, recriam a atmosfera dos lugares por onde o detetive passou transportando os visitantes para a verdadeira Londres vitoriana, o pano de fundo para muitas das histórias de Conan Doyle.

“Março duvidoso, S. João farinhoso!”
As sugestões de M^a João CD para o Porto

Exposições

GALERIA PORTO ORIENTAL: “Acervo e novas obras” (até 15) **BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL:** “O Mundo das Aves” (até 15); **COOPERATIVA ÁRVORE:** “Ângelo de Sousa ‘64-FE-66’” (até 15); **GALERIA EDP:** 10^a Edição Prémio Novos Artistas Fundação EDP 2013 (até 23); **EDIFÍCIO DA ALFÂNDEGA:** “Magic Art” (até 30). **PLANETÁRIO DO PORTO:** “O Céu visto da terá, astrofotografia de Miguel Claro (até 10mai). **SERRALVES:** “12 contemporâneos: Estados Presentes” (até 11mai); Mira Schendel (até jun).

Teatro

TEATRO SÁ DA BANDEIRA: “O Capuchinho Vermelho”, musical da Vivonstage (a partir de 15); **TNSJ:** “Turismo Infinito”, incursão teatral pelas várias escritas de Fernando Pessoa (até 26); “Almada nada”, criação de Ricardo Pais (26 a 29). **T.CARLOS ALBERTO:** “O Filho de Mil Homens” de W.Hugo Mãe (20 a 30). **TEATRO DA VILARINHA:** “O Tesouro”, a partir do conto de Manuel António Pina (até 16).

À descoberta

Pela 2^a vez o Porto vence a competição European Best Destinations. Está de parabéns! “Amorefrato”, na R. Passos Manuel n.º 69, é uma pequena loja antiga, recuperada, onde há gelados artesanais, feitos no local, com dezenas de sabores que vão mudando todos os dias. No dia 2 abril às 15h, vá conhecer melhor o Porto com o roteiro: “Serralves, Indústrias Criativas” (“Roteiros Criativos”) Ponto de Encontro: R. D. João de Castro, n.º 210.

Música

CASA DA MÚSICA: Egberto Gismonti (6); Sandro Norton Octeto (8); “Expresso do Oriente”, OSP dirigida por Takuo Yuasa com o contratenor Andrew Watts (8); “Variações Diabelli” de Beethoven pelo Remix Ensemble (11); Leopold Hager dirige OSP nas sinfonias n.º5 de Schubert e n.º3 de Bruckner (14); Grigori Sokolov piano, Chopin (18); Eliane Elias, voz e piano, jazz (19); Sinfonia Turangalila de Messiaen pela OSP (22); Armandinho, cantor popular brasileiro (25); Mónica Ferraz, jazz (26); “Rapsódia Húngara”, Dohnanyi + Schubert + Liszt pela OSP (28); Melingo, músico argentino (30); Wim Mertens ao piano, compositor para cinema (“007”), teatro e passagens de moda (31); “Ensamble de Flautas Eólia” (1 abr); “O Regresso de Zagrosek” que dirige a OSP com o pianista Herbert Schuch (4abr); “Yundi”, pianista, interpreta Schumann, Liszt e Beethoven (5abr). **PASSOS MANUEL:** The Wooden Wolf (8), Sensible Soccers (22). **COLISEU:** Rita Guerra (8), “Abertura de As Bodas de Fígaro de Mozart” (16), Ana Moura & António Zambujo (21), Rui Veloso Trio (28), “Stomp” (5 e 6 abr); **HOT FIVE JAZZ & BLUES CLUB:** Festival de Blues do Porto: “The Blues Cousins” (8), “Forty Nighters Blues Band” (15), “Hot Five Blues Band” (22). **CAVES CÁLEM:** “Fado In Porto”, espetáculo de fado ao vivo, visita guiada às caves e prova de vinhos (até 31 de março: 18h)

E ainda

TEATRO CAMPO ALEGRE: “Quintas de Leitura” com as escolhas poéticas de António Mega Ferreira (20) e “Pedro Tochas - Um Tempo” (27 e 28). Ciclo Ingmar Bergman (até 2abr). **PARQUE ORIENTAL:** “Porto Anti Stress” (9 e 23 às 10h)



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM OS AROS.
LUÍS TORGAL E JOÃO ALMEIDA

ESCOLA EB1 COM CRECHE,
GOMES FREIRE DE ANDRADE, OEIRAS